



---

**Sobre os Intelectuais:  
Mattick e Viana contra Nomad e Foucault**

---

Erisvaldo Souza

---

O presente artigo analisa a questão dos intelectuais a partir da perspectiva de Paul Mattick (1978) em *Rebeldes e Renegados*, onde o autor trabalha a função dos intelectuais e a crise do movimento do proletariado e posteriormente no texto *Foucault os intelectuais e o Poder* de Nildo Viana (2013). Os dois textos tem como ponto de partida o marxismo autêntico e retomam questões fundamentais na análise sobre os intelectuais a partir da crítica de determinados ideólogos, Max Nomad e Michel Foucault, respectivamente. Os autores desenvolvem simultaneamente suas análises sobre os intelectuais e mostram como estes acabam atuando no interior da sociedade. Pode-se dizer de forma introdutória, que um dos elementos comuns nos dois textos, é a crítica desapiedada aos intelectuais e nesse sentido, este texto busca perceber esta perspectiva crítica e apontar para uma análise dos intelectuais na sociedade de classe.

No texto de Mattick, *Ditadura dos Intelectuais?* presente no livro *Rebeldes e Renegados* (1978), uma crítica ao livro homônimo de Max Nomad, ele trata da questão da função dos intelectuais, principalmente suas ações inseridas no movimento operário, que é o grande foco do texto. Desta forma, ele vai retomar elementos básicos do marxismo, como é o caso da luta de classes, que para alguns conservadores da ordem capitalista, esta já não existe mais. Estes não entenderam que, tal como Marx colocava, a função do ideólogo é a produção de ideologias, no sentido de reproduzir os interesses da classe dominante e se entenderam, fizeram questão de escamotear essa verdade.

Uma das teses defendidas por Mattick logo no início do texto é a retomada de uma tese básica do marxismo, pois ele afirma que a história é a história da luta de classes e a partir daí vai produzir informações sobre os intelectuais inseridos no



movimento operário. O autor analisa historicamente a ação dos intelectuais e dos historiadores no sentido de demonstrar que eles podem contribuir com a luta de classes e o movimento operário. De que forma? Atuando no interior e a favor do movimento operário. Neste sentido o intelectual passa a ser coerente, pois não é nem especialista, universal ou orgânico. Neste caso, não estarão lutando pelo poder ou para se inserir em relações sociais para defender interesses de instituições como o Estado e seu poder como diria Foucault.

Mattick analisa alguns elementos sobre a história e nesse sentido ele afirma que a interpretação da história não pode ser ideológica, pois, por um lado, tal interpretação não oferece uma explicação do passado e não pode compreender o presente, já que todos os seus pressupostos se encontram destinados a não sair de uma mera conjectura e, por outro, não pode reconhecer nem teórica e nem praticamente a luta de classes atual.

Segundo Mattick, o marxismo analisa a oposição entre o capital e a classe trabalhadora como a grande contradição da sociedade atual. E que esta relação deve ser suprimida a partir da luta proletária. No interior desta grande e alucinante contradição, que pode ser eliminada somente com a abolição do capitalismo, existem outras contradições, mais limitadas, e cada uma encontra sua explicação dentro desta que é fundamental. Uma entre tantas contradições existentes é entre trabalho manual e trabalho intelectual, que testemunha ao mesmo tempo diferentes modos de vida e a diversidade de interesses.

Na verdade os trabalhadores intelectuais tem um salário distinto dos trabalhadores manuais/braçais, possibilitado pela divisão social do trabalho existente na sociedade capitalista, que passa cada vez mais valorizar o trabalho intelectual, apesar de que esta distinção é arbitrária, pois um trabalho manual tem tanto de manual como de intelectual. Esta relação só pode ser transformada quando for alterado o conjunto das



relações sociais, ou seja, a partir da luta coletiva dos trabalhadores contra o capital e seus representantes.

Os intelectuais tendem a ser representantes da classe dominante. Alguns intelectuais de fato buscam legitimar a ordem burguesa, até porque estes são orientados e recebem bons salários para este fim. Estes podem ser considerados inimigos dos trabalhadores, pois defendem claramente os interesses da burguesia como classe social.

Segundo Mattick, em épocas não revolucionárias, as organizações dos trabalhadores são inevitavelmente reformistas e toda organização reformista é possível somente através da existência de uma burocracia que se ocupa de sua organização. Mas podem existir manifestações e revoltas espontâneas da classe trabalhadora, mesmo em momentos de refluxo da luta, pois a luta de classes sempre foi e será um dos elementos presentes na sociedade capitalista.

Os capitalistas insistem em que os trabalhadores devem ter seus representantes, como é o caso dos sindicatos que historicamente, se tornaram mais representante dos patrões do que dos próprios trabalhadores. As organizações “operárias” se tornaram instituições burocratizadas e que atuam a partir da relação entre dirigentes e dirigidos, o que é prejudicial aos trabalhadores, pois estes devem buscar a sua autoformação e organização no sentido da luta pela emancipação humana em sua totalidade.

Em termos gerais, Mattick afirma que, as leis não se fazem nas fábricas, os contratos de trabalho são discutidos sobre a mesa de negociação. Os negociadores não podem ser simples operários, devem ser pessoas instruídas, pois estas são mais adequadas para enfrentar os que o contratam. Os operários têm necessidade de representantes, de intelectuais, de burocracia e quanto mais amplo o alcance do reformismo, maior deve ser o aparato burocrático ligado ao movimento operário e ganha mais importância o acordo com os intelectuais.

A burocracia reformista acaba se expandindo e seu objetivo é o controle dos trabalhadores. Assim, lutar contra o reformismo é fundamental, principalmente os



trabalhadores que passam a se organizar no sentido da luta e contestar essas “ditas” instituições como os sindicatos que dizem representar a classe operária. Assim, Mattick afirma que quem quiser evitar a degeneração do velho movimento operário, se vê obrigado a atacar ao reformismo. E quem fazia isto e aspirava resultados concretos acabava parecendo ser um sectário, possuindo um pensamento coerente, apesar de prematuro. O reformismo era a política do movimento operário na época de ascensão do capitalismo. As ideias revolucionárias não podiam conquistar o movimento operário e a histórica “miopia” dos trabalhadores expressava seus interesses imediatos. Aqueles que lutavam nesse período eram simultaneamente rebeldes e renegados. Quando estes passavam para a ação, tendiam a tornarem-se desertores.

Para distinguir burocracia e intelectualidade, Mattick trata do caso do capitalismo de estado da Rússia. Max Nomad, o autor criticado por Mattick, apresenta uma concepção tal amplo de “intelectuais” que nela cabe quase tudo. Isso tem a ver com a análise que este autor faz da Rússia, inspirada em seu mentor intelectual, Jan Wanclaw Makhaïsky. Makhaïsky foi um severo crítico da socialdemocracia e posteriormente do bolchevismo, analisando o papel da *intelligentsia*. Nomad retoma Makhaïsky sob forma problemática, pois confunde capitalismo estatal e privado, bem como burocracia e intelectualidade. O capitalismo de Estado soviético não tinha nada a ver com o que Marx denominou “associação dos produtores livres e iguais”, ou seja, o comunismo. No capitalismo de Estado, a burocracia estatal é a classe capitalista, pois exerce a sua função. Os intelectuais, nesse regime, são subordinados a tal burocracia. Max Nomad não realiza tal diferenciação e por isso acaba gerando uma concepção tão ampla de intelectuais.

A revolução dos trabalhadores, ao contrário do que ocorre no capitalismo de Estado e é comentado sob forma generalizante por Nomad, nasce da luta cotidiana do movimento operário nos seus espaços de trabalho, sendo, segundo Mattick, uma revolução permanente, até que sejam abolidas todas as relações capitalistas. Assim,



somente o proletariado pode fazer avançar as forças produtivas e o próprio caminho da revolução. Assim, Mattick deixa claro que para o marxismo o resultado é a “livre associação dos produtores” e os meios são as lutas do proletariado revolucionário sem dirigentes e subordinação a burocratas e intelectuais.

Por fim, Mattick destaca que a atual classe operária se encontra em condições de poder fazer sua revolução e construir a nova sociedade, e se necessário, contra os intelectuais. Se para Mattick os intelectuais estão ligados à classe burguesa, Viana apresenta posição semelhante, pois ambos são coerentes com as teses de Marx e assim buscam romper com o conservadorismo dos intelectuais em favor da luta da classe proletária. Basta observarmos a crítica que Viana realiza no seu texto sobre os intelectuais a partir da retomada do materialismo histórico e do método dialético de Marx. Os intelectuais conservadores e suas respectivas ciências não são neutros, até podem realizar o discurso da neutralidade, mas na prática estes lutam cotidianamente para a preservação da ordem social capitalista. Assim, cabe aos intelectuais que partem da visão dos explorados, ou seja, do proletariado, buscar outra perspectiva, que seja distinta e revolucionária.

No texto de Nildo Viana (2013), intitulado *Foucault: Os Intelectuais e o Poder*, observa-se um estudo crítico tanto da questão dos intelectuais e do poder em Foucault, bem como dos autores que estudaram a obra do filósofo francês, tanto em termos de legitimação ou aqueles que não conseguiram dar conta da compreensão de sua obra. Inicialmente Viana coloca que o principal elemento presente na teoria de Foucault sobre os intelectuais é a criação da figura do “intelectual específico” em oposição a outro tipo de intelectual, que é o “intelectual universal”. A opção de Foucault é pelo intelectual específico, ou seja, aquele considerado especialista em certo campo do conhecimento. Outro elemento trabalhado no texto é a concepção de verdade em Foucault, que para ele, a verdade não existe, ela é manifestação do poder.



Viana apresenta as definições de Foucault sobre o intelectual universal e o específico para posteriormente questioná-las. Para esse pensador: “o ‘intelectual universal’, deriva do jurista notável e tem a sua expressão mais completa no escritor, portador de significações e de valores em que todos podem-se reconhecer” (FOUCAULT, 1989, p. 11). O intelectual universal é o não especialista que, tal como o escritor, é um erudito e reconhecido por suas qualidades morais. O intelectual específico é muito diferente do jurista notável, o seu modelo é do cientista perito. Esse é o especialista, restrito a um campo limitado de estudo e uma profissão específica.

Desta discussão inicial sobre intelectual universal e o específico, Viana passa a tratar de outros aspectos do pensamento foucautiano, tal como é o caso da relação entre intelectuais, as massas e o poder. Foucault afirma que as massas não precisam dos intelectuais e que estas possuem o saber, inclusive sabem mais que os intelectuais. Neste contexto, aparece a questão do poder, tal como afirma Viana, pois como coloca o filósofo francês, onde há poder, ele é exercido, mas para ele não há um titular quando o assunto é poder, pois não se sabe ao certo quem detém o poder. Este é centralizador e universalizante, tal como a teoria. Nesse sentido, os intelectuais universais são atrelados ao poder e as massas devem lutar cada uma em seu local e sobre suas questões sem as ambições da teoria e seu caráter universalizante.

Nildo Viana parte, em um segundo momento, para a crítica dos elementos ideológicos presentes na obra de Foucault, apontando a falta de elementos concretos em sua obra, sendo mais uma mera especulação metafísica. Ele busca desvelar criticamente a concepção de intelectuais em Foucault. Viana afirma que o que Foucault chama de intelectual específico é o especialista e que este é produto das relações sociais existentes na sociedade capitalista. E os limites da especialização são destacados, bem como a sua incapacidade de funcionar como elemento crítico, tal como sustentado por Foucault, ao contrário do intelectual universal, este sim com maior capacidade crítica.



Um elemento interessante presente na análise de Viana é a afirmação que a intelectualidade é uma classe social e diretamente ligada à divisão social do trabalho. Desta maneira, estes intelectuais trabalham para produzir e reproduzir seus interesses, que normalmente estão vinculados à classe dominante da sociedade capitalista, ou seja, a burguesia.

Segundo ele, Foucault recusa o compromisso com a transformação social ao apelar para o intelectual específico, que ficaria reduzido à sua especificidade, à sua determinação de classe e, portanto, como produto do capital e para o capital. Acrescentando a afirmação ilusória de que assim, ele seria “revolucionário”. Assim, está clara a posição conservadora de Foucault ao trabalhar os intelectuais a partir do elogio do intelectual específico.

Foucault foi um defensor dos intelectuais específicos e buscou sistematicamente defender de forma conservadora e recuperar a legitimidade da universidade e do saber científico especializado. Ele sempre esteve ligado às instituições francesas dos anos de 1960, o que mostra a coerência entre sua prática e ideologia. Um exemplo foi sua presença entre os responsáveis pela reforma universitária proposta pelo governo nos anos 60 que gerou a rebelião estudantil de maio de 1968 e depois tentou dizer que era aliado dos estudantes. Assim, a sua ideologia do intelectual específico vem para defender os professores universitários (e a universidade) que se encontravam com a imagem desgastada após as agitações do maio de 68 em Paris.

Segundo Viana (2013) o intelectual não é um burguês, pequeno ou grande, pois não extrai mais-valor do proletariado. Sem dúvida, ele fica com parte do mais-valor global, mas não como capital e sim como renda, doada pela burguesia em troca dos seus serviços ao capital. Isto demonstra como os intelectuais especialistas ou não estão a serviço do capital, do Estado para contribuir com a dominação do capital, do Estado e demais instituições no sentido de manter a classe trabalhadora sob seu controle. Neste sentido, é necessário que o intelectual busque alterar essa relação na luta por uma



transformação social, ou seja, é necessário que o intelectual faça a crítica revolucionária da sociedade capitalista.

Das várias contradições apontadas por Viana na obra de Foucault, ganha importância a de sua definição de verdade. Se a verdade é apenas uma forma de exercer o poder e não possui nada a ver com o conceito tradicional, então a luta em torno da verdade é mera luta pelo poder e qualquer suposta verdade também. Isto demonstra certa limitação no que diz respeito à compreensão do poder, pelo próprio interesse do autor francês em definir o poder, como sendo tudo e ao mesmo tempo nada, sendo, nas palavras de Viana, uma mera especulação metafísica. O poder e a verdade são reduzidos a nada, sem conteúdo próprio. Essa concepção de verdade aponta para uma relativização legitimadora de qualquer discurso, pois todos estariam lutando pelo poder.

Na perspectiva de análise de Viana, o discurso da intelectualidade serve para o processo de reprodução da sociedade existente, está a serviço do poder, é um conservadorismo disfarçado de neutralidade, um positivismo mais refinado. A intelectualidade como classe social tende a representar ideologicamente a burguesia, ao lado de seus próprios interesses e da classe capitalista enquanto classe dominante, já que é uma classe auxiliar. Em síntese o intelectual específico por ser um legítimo representante do poder, este deve ser combatido em todos os sentidos. Por outro lado, os intelectuais bem intencionados devem lutar em favor do proletariado revolucionário buscando o tempo todo defender seus interesses.

Torna-se interessante observar que tanto Mattick quanto Viana, retomam de forma crítica e revolucionária, essa tese que é fundamental para o proletariado: a necessidade do intelectual, para não ser apenas um reproduzidor da sociedade capitalista, estar vinculado e expressar o movimento revolucionário dessa classe. Se isso é importante para o proletariado, então está vinculado diretamente ao marxismo autêntico. Por fim, nas palavras de Viana, o intelectual só pode ser revolucionário negando-se a si mesmo como intelectual e lutando pela transformação revolucionária da sociedade ao



lado do proletariado e desta forma os dois textos tem uma proximidade, pois buscam a partir do marxismo autêntico criticar as produções ideológicas e manter viva a chama da revolução proletária.

### Referências

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Centauro, 2005.

MATTICK, Paul. *Rebeldes y Renegados: A Función de los Intelectuais y la Crisis del Movimiento Obrero*. Barcelona: Icária, 1978.

VIANA, Nildo. *Foucault: Os Intelectuais e o Poder*. In: BRAGA, Lisandro & MARQUES, Edmilson (org). *Intelectualidade e Luta de Classes*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.